

PADÊ DAS MOÇAS

Feminimos e
encruzilhadas
em *Zona*
Contaminada

TAUANE NUNES ALAMINO

Atriz, dançarina e performer e diretora teatral e lidera a Companhia do Santo Forte Artes Cênicas. Mestranda em Letras pelo IBILCE/UNESP, Bacharela em Artes Cênicas pela UEL - Universidade Estadual de Londrina, e Arte-educadora pela Claretiano. A pesquisa sobre os “Arquétipos da Umbanda para o trabalho do ator” começou no ano de 2011 no curso de Artes Cênicas da Uel, como iniciação científica financiada pela CAPES. Recebeu Prêmios Municipais, Estaduais e Federais com seu grupo.

RESUMO

O PRESENTE trabalho explora o conceito de encruzilhadas explicado por Leda Maria Martins e Carla Akotirene. As produções de Silvia Federici contribuem para refletir sobre o poder das mulheres sobre seus corpos e o interesse do Estado em controlar a fertilidade feminina, questões constituintes do conflito dramático do texto teatral *Zona Contaminada* de Caio Fernando Abreu, performado pela Cia. Do Santo Forte em 2020 como contrapartida do Prêmio Nelson Seixas de Teatro de São José do Rio Preto.

PALAVRAS-CHAVE

Feminismo; Encruzilhada; Orixás, Zona Contaminada; Caio Fernando Abreu.

RESUMEN

EL PRESENTE trabajo explora el concepto de encrucijadas explicado por Leda Maria Martins y Carla Akotirene. Las producciones de Silvia Federici contribuyen a reflexionar sobre el poder de la mujer sobre su cuerpo y el interés del Estado por controlar la fecundidad femenina, temas que constituyen el conflicto dramático del texto teatral *Zona Contaminada* de Caio Fernando Abreu, interpretado por la Cia. Do Santo Forte en 2020 como una contraparte del Premio de Teatro Nelson Seixas en São José do Rio Preto.

PALABRAS CLAVES

Feminismo; encrucijada; Orixás, Zona Contaminada; Caio Fernando Abreu.

INTRODUÇÃO: VENHO SAUDAR A ENCRUZILHADA

ESTA PESQUISA se ampara em estudos de gênero e da mitologia dos orixás como referentes da análise da peça teatral *Zona Contaminada*, de Caio Fernando Abreu (1948 – 1996). O texto teatral é uma obra de caráter distópico protagonizada por duas irmãs sobreviventes de um desastre nuclear e as últimas mulheres saudáveis e férteis em um contexto repleto de violências, fome, doenças contagiosas e impactos ambientais. Vera, caracterizada pelo autor como *lansã de frente*, e Carmem, caracterizada pelo autor como *Oxum de frente*, são as últimas mulheres férteis e saudáveis da *Zona Contaminada* procuradas pelo Poder Central, órgão regulador desta civilização, perseguidor das duas *Sisters Salvadoras* para “procriar” e repovoar o mundo, de modo que as duas mulheres se escondam para proteger seus corpos de experimentos científicos e do estupro (ABREU, 2009, p. 188 - 189). O texto foi referência para a performance audiovisual da Cia. Do Santo Forte estreada em 2020 como contrapartida do Prêmio Nelson Seixas de Teatro de São José do Rio Preto, dirigida por mim. A obra literária é meu objeto de pesquisa do Mestrado em Letras no IBILCE/UNESP e as teorias presentes neste artigo ampararam o desenvolvimento da prática artística.

Nesta obra, podemos observar entrecruzamentos diversos, por exemplo, o encontro entre *lansã* e *Oxum*, mulheres e homens, religiões de matriz africana e cristianismo, oprimido e opressor, real e imaginário, todos sendo postos em diálogo e/ou confronto na mesma obra. Vale lembrar que uma encruzilhada não se constrói de caminhos com a mesma direção e sentido, mas sim no ponto de cruzamento de mais de um sentido diferente, como podemos observar na definição de Leda Maria Martins:

O termo *encruzilhada*, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos. (MARTINS, 1997,

Portanto, as intersecções presentes em *Zona Contaminada* apresentam conflitos e encontros, além de proporem reflexões acerca deles. Para realizar esta análise, explorarei o conceito de encruzilhada de Leda Maria Martins, subsidiando a interseccionalidade na fundamentação da cultura brasileira, apresentarei a noção de encruzilhada oriunda do feminismo negro do ponto de vista de Carla Akotirene. Além disso, citarei duas produções de Silvia Federici: *Calibã e A Bruxa* (2017), traçando um panorama histórico e crítico sobre mulheres, corpo e acumulação primitiva desde a inquisição; e *O Ponto Zero da Revolução* (2019), abordando trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.

Tenho consciência da encruzilhada epistêmica de colisão entre a abordagem feminista marxista e as pautas identitárias, o que tem sido discutido calorosamente em debates e artigos de militantes e produtoras de conhecimento de ambas as vertentes. No entanto, como propõe Carla Akotirene, professora, militante, pesquisadora e escritora sobre o feminismo negro, considerando a interseccionalidade como uma ferramenta analítica (2019, p.34), escolho manter o embate considerando o ponto essencial para munir a pesquisa: problemas de classe são acentuados conforme o gênero e a raça. Logo, pensar de modo interseccional contribui para reconhecer nossas demandas e nos aliar contra o cisheteropatriarcado capitalista.

A escolha metodológica de escrever em primeira pessoa do singular ocorre também para situar meu local de fala. Quando escrevo e conduzo minhas linhas de raciocínio, expresso-me do ponto de vista de uma mulher, mãe, artista, umbandista, cartomante, periférica e bissexual. Deixarei o plural para momentos em que falarei de posicionamentos e escolhas coletivas, como no trabalho realizado com a Cia. Do Santo Forte ou quando mencionarei vivências de terreiro. Saliento, também, o recorte da perspectiva de uma mulher cisgênero, consciente da pluralidade de *mulheridades* existentes e sem pretensão de abarcar todas elas.



FIGURA 1
CIA. DO SANTO FORTE
Mulheres em Zona Contaminada

CRUZAMENTO DE CAMINHOS

*Venho saudar a encruzilhada
Lugar sagrado Onde Exu fez sua morada
Encruzilhada é cruzamento de caminhos.
Venho pedir proteção para os seus filhos
Venho dar boa noite Boa noite,
à Lua Venho dar boa noite
Boa noite, ao Mestre Tranca-Rua Trago marafo, charuto
e padê Peço a Exu que venha nos valer Pra Dona Padi-
lha trago uma rosa. Por que ela é muito formosa*

Ponto Cantado de Umbanda

Encruzilhada ou encruza, na umbanda, é o lugar onde são feitas oferendas a Exu e Pombagira. Essas oferendas têm as mais variadas funções, como proteção, prosperidade, descarrego, entre outras, e são chamadas de padê. Akotirene (2019, p.13 - 14) afirma:

Segundo profecia iorubá, a diáspora negra deve buscar caminhos discursivos com atenção aos acordos estabelecidos com antepassados. Aqui, ao consultar quem me é devido, Exu, divindade africana da comunicação, senhor da encruzilhada e, portanto, da interseccionalidade, que responde como a voz sabedora de quanto tempo a língua escravizada esteve amordaçada politicamente, impedida de tocar seu idioma, beber da própria fonte epistêmica cruzada de mente-espírito.

Como brasileira umbandista analisando um texto que apresenta as personagens femininas como *Iansã de Frente* e *Oxum de Frente*, considero essencial facilitar a compreensão das encruzilhadas presentes não só no texto de Abreu, mas na cultura constituinte da identidade brasileira. Para isso, é importante retornar ao período histórico anterior a essa ideia de identidade. A pesquisadora Leda Maria Martins (1997, p.25) contextualiza:

No século XIX, um gigantesco baobá erguia-se, ainda majestoso em Boma, capital do Reino do Zaire. Datada de aproximadamente 4000 anos, a árvore assombrava os viajantes ocidentais que nele grafavam seus nomes e mensagens. Sinédoque e metáfora do *corpus* territorial e cultural africanos, esse baobá testemunha espetacularmente o vigor das fundações e raízes africanas e a permanência de seus textos, mesmo quando atravessados pelo palimpsesto do outro. Na complexidade de sua textualidade oral e na *oralitura* da memória, os rizomas ágrafos africanos inseminaram o *corpus* simbólico europeu e engravidaram as terras das Américas. Como o baobá africano, as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, intersecções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações.

As palavras da autora ilustram poeticamente o modo como a cultura africana fundamenta as nossas matrizes culturais. De acordo com Martins, a identidade afro-brasileira se tece pelo caminho das encruzilhadas de modo vivo e mutável, comparando essa identidade com “um tecido e uma textura” (1997, p.26), onde os saberes ancestrais africanos interagem, se transformam e reatualizam. Martins afirma: “a cultura negra é uma cultura de encruzilhadas” (1997, p.26).

A relação do orixá Exu acerca das encruzilhadas para desenvolver as epistemes africanas também é citada pela autora.

Nas elaborações discursivas e filosóficas africanas e nos registros culturais dela também derivados, a noção de encruzilhada é um ponto nodal que encontra

no sistema filosófico- religioso de origem iorubá uma complexa formulação. Lugar de intersecções, ali reina o senhor das encruzilhadas, portas e fronteiras, Exu Elegbara, princípio dinâmico que medeia todos os atos de criação e interpretação do conhecimento. Como mediador, Exu é o canal de comunicação que interpreta a vontade dos deuses e que a eles leva os desejos humanos. Nas narrativas mitológicas, mais do que um simples personagem, Exu figura como veículo instaurador da própria narração. (MARTINS, 1997, p.26)

Os filhos de umbanda, assim como os iniciados no candomblé, têm o conhecimento: “sem Exú não se faz nada”. Ao abrir uma gira de Umbanda, ou preparar um ebó para qualquer orixá, é necessário pedir licença a Exú, ele é o guardião que estabelece a comunicação entre um ponto e outro, entre o mundo dos humanos e o mundo dos espíritos e, por isso, é quem cria as conexões necessárias para realizar qualquer ritual ou transportar qualquer conhecimento. Martins apresenta Exú com as palavras de Juana Elbein Santos:

De fato, *Èsú* não só está relacionado com os ancestrais femininos e masculinos e com suas representações coletivas, mas ele também é um elemento constitutivo, na realidade o elemento dinâmico, não só de todos os saberes sobrenaturais, como também de tudo o que existe.

Neste sentido, como *Olórun*, a entidade suprema, promotória do universo, *Èsú* não pode ser isolado ou classificado em nenhuma categoria. É um princípio e, como o asé que ele representa e transporta, participa forçosamente de tudo. Princípio dinâmico e de expansão de tudo o que existe, sem ele todos os elementos do sistema ficariam imobilizados, a vida não se desenvolveria. [...] Assim como *Olórun* representa o princípio da existência genérica, *Èsú* é o princípio da existência diferenciada em consequência de sua função de elemento dinâmico que o leva a propulsionar, a desenvolver, a mobilizar, a crescer, a transformar, a comunicar. (SANTOS, p.130-131, apud MARTINS, 1997, p.26 -27)

O fragmento demonstra a potência fundadora de Exú no aspecto cultural. Pode-se perceber a importância de considerar, tanto do ponto de vista criativo, como analítico, que a “instância simbólica” da encruzilhada é essencial para produzir discursos relacionados à cultura de terreiro. Martins defende (1997, p.28) que a encruzilhada é:

Da esfera do rito e, portanto, da performance, é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergências, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção sógnica diversificada e, portanto, de sentidos. Nessa via de elaboração, as noções de sujeito híbrido, mestiço e liminar, articulado pela crítica pós-colonial, podem ser pensadas como indicativas de efeitos de processos e cruzamentos discursivos diversos, intertextuais e interculturais. (MARTINS, 1997, p.28)

Reconheço-me como este sujeito híbrido, que acumula em seu próprio corpo e em suas criações uma série de referências, culturas e opressões. Isso me faz perceber a necessidade de encarar as encruzilhadas como uma ferramenta possível para enfrentamento ao patriarcado capitalista.

Nesse movimento de identificação, é importante mencionar como a interseccionalidade ampara os ativismos que inspiram a Cia. Do Santo Forte. A Companhia do Santo Forte de Artes Cênicas trabalha com figuras e elementos femininos sagrados e profanos, inspirada na Umbanda e no Candomblé. O grupo atua há seis anos em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, aprofundando a pesquisa sobre os Arquétipos da Umbanda para o trabalho do ator, iniciada por mim, em 2011, ainda no curso de Artes Cênicas da UEL – Universidade Estadual de Londrina. O desenvolvimento da pesquisa veio acompanhado da militância feminista e antirracista, discurso presente em nossas obras. De acordo com Akotirene (2019, p.15 - 16), “o feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas”. Afirma, ainda, que o letramento produzido no campo discursivo das feministas negras, em observação às avenidas criadas pelo “ra-

cismo, cisheteropatriarcado e capitalismo”, precisa ser compreendido por todas as pessoas que sofrem acidentes nestas avenidas, citando o exemplo de “[...] LGBT, pessoas com deficiência, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras” (2019, p.15 - 16). A autora alerta sobre a relevância de não ignorar o padrão administrador das opressões contra mulheres, constituído de forma heterogênea, criando vítimas de “colisões múltiplas do capacitismo, terrorismo religioso, cisheteropatriarcado e imperialismo” (2019, p.15 - 16). A professora também situa a importância de considerar o conceito de encruzilhada para analisar as estruturas de poder onde nos situamos: “Do meu ponto de vista, é imperativo aos ativismos, incluindo o teórico, conceber a existência duma matriz colonial moderna cujas relações de poder são imbricadas em múltiplas estruturas dinâmicas, sendo todas merecedoras de atenção política” (AKOTIRENE, 2019, p.12 -13).

De acordo com ela, estas estruturas combinadas demandam dos grupos vitimados “instrumentalidade conceitual de raça, classe, nação e gênero, sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários e atenção global à matriz colonial moderna, evitando desvio analítico para apenas um eixo de opressão.” (AKOTIRENE, 2019, p.12 -13). Observo a necessidade de reconhecermos nossos lugares nessas avenidas, percebendo a inexistência de uma luta mais importante ou uma causa mais urgente e propondo a decolonização de todos os corpos e identidades acidentados no cisheteropatriarcado capitalista neoliberal.

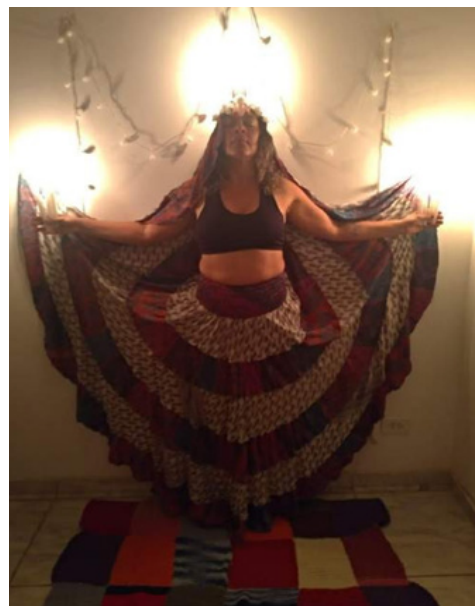


FIGURA 2
CIA. DO SANTO FORTE
*Carmem Altar em Zona
Contaminada*

CONDENADAS PELA LEI DA INQUISIÇÃO

*Foi condenada
Pela Lei da Inquisição
Para ser queimada viva
Sexta-Feira da Paixão
O padre rezava
E o povo acompanhava.
Quanto mais o fogo ardia
Ela dava gargalhada*

Ponto Cantado de Pombagira

Consciente da importância de abordar questões de classe para compreender opressões acerca do corpo feminino, e observando a referência à morte de Carmem em uma fogueira em *Zona Contaminada*, é essencial a leitura do trabalho de Silvia Federici sobre o assunto. Na obra de Abreu, o Poder Central descobre o esconderijo das irmãs, Vera e Carmem. A primeira está gestante e deseja fugir com a irmã, e a segunda decide ficar e atear fogo em si mesma.

(Com uma reverência, Nostálgio entrega a vela a Carmem, que está parada no meio de um charco de gasolina, e volta para junto de Nostradamus.)

VERA — Não faça isso. Pela última vez, venha comigo. Existe outro lugar.

CARMEM — Só existe um lugar. Este, o meu lugar é aqui. No meio do fogo. O fogo purifica. *(Canta.)* “São João, São João, acende a fogueira no meu coração.” (ABREU, 2009, p. 214)

Apesar de a obra de Abreu não fazer menção direta à Igreja e à Inquisição, o suicídio de Carmem é por meio do fogo que, de acordo com ela, *purifica*. Numa aproximação à morte de diversas bruxas na inquisição, o autossacrifício de Carmem pode ser lido como um ato heroico para salvar a irmã, por ter consciência de sua fragilidade, dificultar a fuga de Vera, colocando ambas em risco.

Comparando a peça à situação feminina na sociedade patriarcal e capitalista, apresento o debate feminista sobre o papel social da mulher cisgênero no patriarcado, historicamente construído me-

diante a ideia de submissão, do cuidado e da maternidade compulsória, repleta de ilusões românticas, escondendo a crueldade do controle social sobre seus corpos e suas existências, conforme podemos observar nas obras de Federici (2017, 2019 e 2020).

Em *Calibã e a Bruxa* (2017), Federici apresenta, em seus artigos, o modo como, na Idade Média, as mulheres autônomas sobre seus corpos foram dizimadas ou reprimidas pela Santa Inquisição. Eram essas mulheres que dominavam medicinas naturais, controlavam a própria fertilidade, usufruíam livremente da própria sexualidade e da própria fé, escolhiam viver sozinhas, dominavam espaços públicos e não dependiam dos homens. Por isso, foram mortas e ameaçadas, pois infringiam o padrão de feminilidade aceitável, delineado para que a mulher fosse merecedora da sobrevivência e da proteção masculina. Assim, as mulheres, para se manterem vivas, foram confinadas aos trabalhos domésticos não remunerados, aos casamentos monogâmicos (exclusivamente heterossexuais), à religião, tementes a um Deus masculino e a servirem à igreja católica, aos filhos e à obediência aos seus pais e maridos, como uma espécie de desígnio de Deus.

Federici também apresenta, sob a perspectiva histórica, como esse ideal de feminilidade foi fundamental para estabelecer o patriarcado capitalista, a fim de controlar e subjugar mulheres e o corpo feminino. Para desenvolver tal construção social, aquelas que não obedeciam às normas determinadas pela Igreja eram perseguidas e mortas. Logo, criou-se um ideal de mulher digna da sobrevivência e outro merecedor de punição.

A bruxa era também a mulher rebelde que respondia, discutia, insultava e não chorava sob tortura. Aqui, a expressão “rebelde” não se refere necessariamente a nenhuma atividade subversiva específica em que possa estar envolvida uma mulher. Pelo contrário, descreve a personalidade feminina que se havia desenvolvido, especialmente entre o campesinato, no contexto da luta contra o poder feudal, quando as mulheres atuaram a frente dos movimentos heréticos, muitas vezes organizadas em associações femininas, apresentando um desafio crescente a autoridade masculina e a Igreja. (FEDERICI, 2017, p. 332- – 333)

Infelizmente, o projeto de construção da feminilidade permitida em comparação à bruxa rebelde foi bem-sucedido e é um legado existente na contemporaneidade. Em *Zona Contaminada*, as personagens femininas são construídas como opostos, assim como a figura da mulher estabelecida no patriarcado: Vera, dentro do contexto do patriarcado capitalista, seria vista como uma *mulher ruim*, em razão de sua coragem, sexualidade e insubordinação, e Carmem poderia ser lida como uma *mulher boa*, por ser romântica, aparentemente tola, fútil, vaidosa, infantilizada e mimada, não questionadora do sistema e se enquadra com facilidade no padrão *bela, recatada e do lar*. A rebeldia marca o padrão de comportamento de Vera, enquanto Carmem apresenta-se, ao longo da obra, em um padrão mais próximo a este ideal de mulher.

Há também, no plano ideológico, uma estreita correspondência entre a imagem degradada da mulher, forjada pelos demonólogos, e a imagem da feminilidade construída pelos debates da época sobre “a natureza dos sexos”, que canonizava uma mulher estereotipada, fraca do corpo e da mente e biologicamente inclinada ao mal, o que efetivamente servia para justificar o controle masculino sobre as mulheres e a nova ordem patriarcal. (FEDERICI, 2017, p. 335)

No entanto, destse ponto de vista, um dos elementos mais interessantes na obra de Abreu é o fato de os papéis se inverterem em relação à lógica do patriarcado capitalista. Na cena final, enquanto Vera aceita a maternidade solo e, a partir disso, vislumbra a esperança de um futuro melhor partindo para criá-lo, Carmem prefere morrer e eliminar, simbolicamente, qualquer vestígio de uma feminilidade estereotipada e aprisionadora. Atribui-se, portanto, uma condição heroica para as personagens, uma como a esperança de uma nova era e a outra como mártir. Obviamente, trato aqui de personagens alegóricas representando os dois símbolos de feminilidade já citados. Quando Vera, com sua autonomia, parte rumo à sobrevivência para um lugar distante da *Zona Contaminada*, ambicionando a criação de uma nova sociedade, ela tem o poder de reconstruir a noção de mulher a partir das próximas gerações. Carmem, apresentada na obra como a figura de mulher dependente e conformada, nos surpreende ao permanecer no esconderijo e incandescer, deixando uma mensagem importante: o ideal de fragilidade feminina precisa acabar.

Em *O Ponto Zero da Revolução*, na introdução do capítulo que aborda a *Reprodução e Luta Feminista na Nova Divisão Internacional do Trabalho*, Silvia Federici aponta fatos importantes sobre a situação reprodutiva e social das mulheres nas últimas décadas. De acordo com a autora, criou-se um ativismo muito voltado para a proteção da mulher, sem considerar a violência do capitalismo sobre o corpo feminino.

(...) existe uma tendência a agrupar os problemas confrontados pelas mulheres em escala mundial dentro das questões de “direitos humanos” e a privilegiar a reforma jurídica como o principal meio de intervenção governamental. Essa abordagem, entretanto, não questiona a ordem econômica internacional, causa fundamental das novas formas de exploração a que as mulheres estão sujeitas. Inclusive a campanha pelo fim da violência contra as mulheres ganhou impulso nos últimos anos centrado-se no estupro e na violência doméstica – de acordo com as recomendações das Nações Unidas –, enquanto a violência inerente ao processo de acumulação capitalista foi ignorada, bem como a violência da fome, das guerras e das estratégias de contrainsurgência que, entre os anos de 1980 e 1990, abriram caminho para a globalização econômica. (FEDERICI, 2019, p. 139)

Federici demonstra que, institucionalmente, ainda se cultiva o pensamento da violência contra a mulher ocorrer apenas quando o marido a agride ou em caso de estupro num beco escuro por um desconhecido. Na prática, os outros tipos de violência tornam-se existentes incluindo a violência institucional e outros, como o de *Zona Contaminada*, onde se deseja capturar mulheres para cumprirem missão reprodutiva. A obra denuncia a ideia de o corpo feminino ter como função principal gerar vida, independentemente de sua vontade. Os motivos para que isso ocorra não são apenas ficcionais, como a autora aponta; há muito interesse do nosso sistema econômico global em manter as mulheres férteis e produtivas:

(...) a globalização da economia provocou uma grande crise na reprodução social da população da África, da Ásia e da América Latina, e que essa crise se manifesta

por meio de uma nova divisão internacional do trabalho, que se aproveita da mão de obra feminina dessas regiões a fim de assegurar a reprodução da força de trabalho nas “metrópoles”. Isso significa que todas as mulheres estão sendo “integradas” à economia mundial e exercem uma dupla função produtiva, produzindo trabalhadores para as economias locais e os países industrializados, além de mercadorias baratas destinadas à exportação. (FEDERICI, 2019, p. 139 - 140)

Reconhecer que o corpo feminino é encarado como mercadoria produtiva e reprodutiva é parte importante da reflexão artística e analítica para debater o feminismo. Quando consideramos as avenidas identitárias onde estes corpos se situam, percebemos a violência ocorrendo de modo ainda maior e mais frequente.

PÉ PELO PÉ, A ENCRUZILHADA JÁ ME CHAMA

Ao reivindicar a interseccionalidade compreendendo-a pela via das encruzilhadas, situo a perspectiva de compreensão das avenidas identitárias como parte de um problema maior, relacionado ao sistema patriarcal e capitalista, legado de tradições imperialistas. O fato de estarmos no Brasil, escolhendo ou não, a nação colonizada a qual pertencemos, estabelece posições para todas, todes e todos nós. Há uma tendência de apropriação do conceito de interseccionalidade ao reivindicar o *topo*, um lugar de destaque, sem considerar o *topo* como um lugar inacessível para a coletividade. Os lugares destinados para a maioria de nós são as bases; sermos aqueles que trabalham para enriquecer alguém privilegiado; sermos aquelas que se reproduzem e produzem mão de obra para atender às necessidades do capitalismo.

Com base nos estudos apresentados, compreendo o conceito de encruzilhada como uma grande contribuição para produção de conhecimentos e obras de arte antirracistas e feministas. Infelizmente, a perseguição às mulheres, aos corpos femininos e racializados, ainda faz parte da manutenção do patriarcado capitalista. Gostaria de lembrar da menina de dez anos, a qual os *cidadãos de bem* tentaram impedir de realizar um aborto, do termo *estupro culposo* e do menino Miguel. Esses fatos ocorreram em 2020, durante o processo criativo da performance audiovisu-

al *Zona Contaminada*. Situações como estas tornam urgente o debate sobre quais corpos estão sendo violentados pelo sistema.

Como artista e performer, mantenho-me em busca pela compreensão e criação de um procedimento artístico mais próximo da minha realidade, reconhecendo meu lugar nessa encruzilhada e consciente das necessidades de levantar discussões e criar espaços de escuta, debate e troca entre as pessoas interessadas em promover mudanças para evitar que contextos distópicos como o de *Zona Contaminada* continuem se repetindo.

FIGURA 3

CIA. DO SANTO FORTE

*Ventre Esperançoso de Vera em
Zona Contaminada*



REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALAMINO, Tauane. **Zona Contaminada**. São José do Rio Preto: Cia. Do Santo Forte, 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=UwWZ-sHhDxg> >. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça às bruxas: da idade média aos tempos atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatoba**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

1

JIMÉNEZ, Carla. Menina de 10 anos violentada faz aborto legal, sob alarde de conservadores à porta do hospital. El País, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-16/menina-de-10-anos-violentada-fara-aborto-legal-sob-alarde-de-conservadores-a-porta-do-hospital.html>>. Acesso em: 14 dez. 2021

2

ALVES, Schirlei. Julgamento de influencer Mariana Ferrer termina com tese inédita de 'estupro culposo' e advogado humilhando jovem. The Intercept, 2020. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

3

CARTA CAPITAL. Morte de menino que caiu do 9º andar no Recife gera revolta nas redes. Carta Capital, 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/morte-de-menino-que-caiu-do-9o-andar-no-recife-gera-revolta-nas-redes/>>. Acesso em: 14 dez. 2021.